

DÍVIDA

Festa para Maílson nos EUA. O Brasil pagou os juros atrasados.

MOISÉS RABINOVICI, DE WASHINGTON.

O ministro Maílson da Nóbrega jantou com os presidentes dos cinco maiores bancos americanos da Califórnia, ontem, dia em que o Brasil pagou mais cerca de US\$ 1 bilhão — referentes a juros de abril e maio — a seus credores no mundo todo, dando início a uma operação-charme para a venda do pacote de US\$ 5,2 bilhões concluído na semana passada, em Nova York.

O ministro Maílson da Nóbrega disse por telefone, antes de partir para uma palestra a 60 banqueiros e empresários, em São Francisco, que sua viagem de hoje ao Japão "tem um caráter mais político", mas também incluirá uma apresentação do pacote aos banqueiros japoneses.

"Esta é a minha primeira viagem ao Japão. Aproveitarei para manter contatos com várias autoridades do governo japonês. É evidente, porém, que usaremos a oportunidade para tratar de coisas concretas. Com os banqueiros, da adesão ao pacote. E a nível de governo, assuntos do Clube de Paris" — disse o ministro.

A venda do pacote em Tóquio foi confirmada em Nova York, ontem à tarde, por uma nota oficial do comitê de 14 bancos que representa os cerca de 700 credores brasileiros no mundo todo. Está marcada para o dia 5 de julho. As apresentações se sucederão em Toronto, dia 8. Em Londres, dia 18. Em Paris, dia 19. E em Frankfurt, 20 de julho. Outros shows do pacote brasileiro estão previstos, mas não marcados, para Roma, Lisboa, Madri e Oriente Médio.

O próprio ministro Maílson da Nóbrega explicou, em São Francisco, que "estamos tentando apressar a retomada das negociações com o Clube de Paris". Uma semana depois de voltar do Japão, ele deverá ir para a Europa. Está cumprindo um programa que anunciou ao esboçar a estratégia da volta do Brasil à comunidade financeira internacional. Primeiro, o acordo com os bancos comerciais. Depois, com o FMI. Terceiro, a busca de um prometido dinheiro novo ja-

ponês. Por fim, um acordo com o Clube de Paris.

Os japoneses, no final das negociações do pacote, insistiram num aval do FMI. Recentemente, na reunião de cúpula dos países mais industrializados do mundo, em Toronto, segeriram que os países devedores depositassem parte de suas reservas numa conta-caução especial do FMI. Em recentes encontros em Washington e na Venezuela, com o ministro Maílson da Nóbrega, representantes do governo e de bancos comerciais do Japão não fecharam as portas a novos empréstimos ao Brasil. Mas o ministro Maílson da Nóbrega não entrou em detalhes sobre suas expectativas para esta viagem, indicando apenas "objetivos de natureza política".

O ministro ainda estava lamentando a anistia para as microempresas, que repetiu ser uma catástrofe, e mostrou-se agradavelmente surpreso com a reconquista brasileira da simpatia da imprensa americana. Quando lhe perguntaram se iria fazer algum pedido novo aos presidentes de bancos com os quais jantaria ontem à noite, respondeu:

"Não. Só uma apresentação, do que estamos fazendo no Brasil".

O jantar, oferecido pelo Bankamerica, contou com os maiores credores do Brasil na costa oeste americana, como o Bank of California, o Wells Fargo, o First Interstate e o Security Pacific. Para os banqueiros, no dia em que receberam mais US\$ 1 bilhão do Brasil, e depois de uma semana em que suas ações subiram por causa do acordo preliminar do pacote de US\$ 5,2 bilhões, o jantar seria uma comemoração.

O comitê dos bancos credores, em Nova York, numa nota assinada por seu presidente, William R. Rhodes, e pelo diretor da área de dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, anunciou ontem que a moratória brasileira deverá ser "formalmente encerrada" nos próximos meses, quando se tornar efetivo o pacote de US\$ 5,2 bilhões que começou agora a ser vendido em escala mundial.